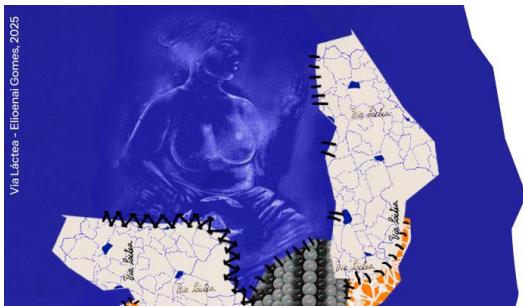




## **PALAVRAS EXPANDIDAS EM GESTOS E MOVIMENTOS – a performance como modos outros de *corpoescrever* a pesquisa com os cotidianos**

## **WORDS EXPANDED IN GESTURES AND MOVEMENTS – performance as other ways of body-writing research with everyday life**

Marcus Flávio da Silva<sup>1</sup>

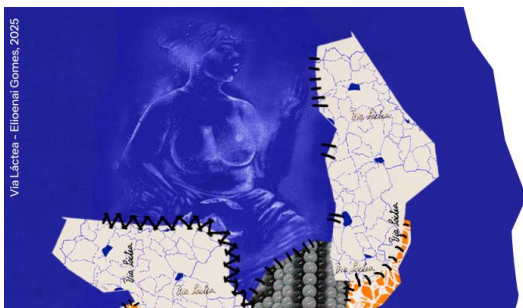
**Resumo:** Os desafios impostos pelo isolamento físico durante a pandemia da COVID – 19 atingiram as mais diversas atividades humanas. No campo da educação os desdobramentos foram imensos com repercussões profundas ainda nos tempos atuais. Como modos outros de de *fazerpensar* os estudos na pós-graduação, o presente artigo relata a elaboração da performance *Cartas...* como movimento ético-político-estético de *sentirpensar* a pesquisa com os cotidianos. Com a experiência entende-se que o corpo que se move, que performa, corpo inquieto e buliçoso, é o próprio *corpus* da pesquisa, um corpo afetado, poroso e ampliado em sentidos. Reconhece-se, então, que ao *corpoescrever* a pesquisa há um corpo coletivo que se manifesta, que conversa com outros modos, que conversa com outros corpos, que tece e é tecido em redes de subjetivação.

**Palavras-chave:** performance; cotidianos; estágio; narrativas de formação; cartas.

**Abstract:** The challenges imposed by physical isolation during the COVID-19 pandemic affected many dimensions of human activity. In education, the consequences were huge, with profound effects that still resonate today. As alternative ways of thinking-doing graduate studies, this study presents the creation of the performance *Letters...* as an ethical-political-aesthetic movement of sensing-thinking research with everyday life. Through this experience, the moving body — the performing body, restless and playful — emerges as the very corpus of research: a body affected, porous, and expanded in meaning. Thus, it is recognized that in body-writing research, a collective body manifests itself, one that engages in dialogue with other modes, with other bodies, weaving and being woven into networks of subjectivation.

**Keywords:** performance; everyday life; practicum; narratives of formation; letters.

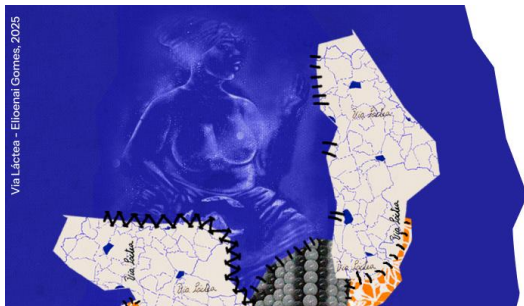
<sup>1</sup> Doutor em Educação (UNIRIO), Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ), Especialista em Ensino da Arte – Teatro (UFPE), graduado pela Licenciatura em Ed. Artística – habilitação Artes Cênicas (UFPE). Professor de Teatro no Colégio de Aplicação – UFPE. <http://lattes.cnpq.br/4325369796063526>  
<https://orcid.org/0009-0005-6519-8753>



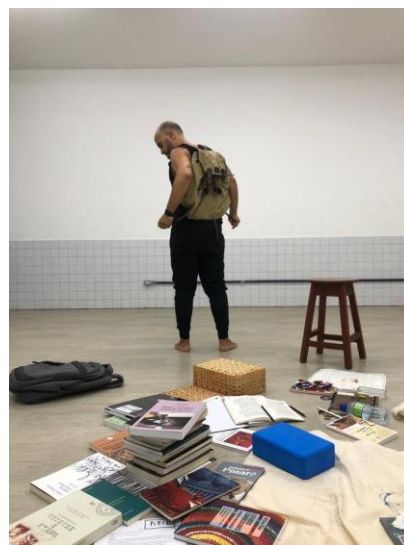
No contexto do isolamento físico, em tempos pandêmicos, como estudante da pós-graduação, tivemos que encontrar outros modos de estarmos juntos, de estudar, pesquisar e pensar currículo e formação docente. E, nesse sentido, procuramos construir descaminhos, reestabelecer rotas e definir táticas que nos levassem a outros lugares, ou não lugares, que nos mantivessem em ação, que nos movessem com/na/para a pesquisa e nos fizessem sobreviver.

A imobilidade do corpo, ocasionada pelo tempo diante dos artefatos tecnológicos e digitais, foi imperativa para que eu pudesse voltar para meu próprio corpo e sentir suas demandas, escutar seus impulsos, dores, fragilidades, mas também seus desejos, pulsões e potências. A necessidade de me mover e me deslocar aflorou com tanta intensidade que decidi dar vazão e retornei para a sala de ensaio/aula a fim de colocar meu corpo no exercício da expressividade, de forma livre, orgânica e visceral com os materiais de estudo: livros, cadernos, textos, desenhos e todos os relatos das experiências de estágio impressos, além de outros materiais que me acompanhavam na trajetória do doutoramento. O que moveu meu corpo para essa experiência foi a inquietude em dizer como estava vivendo o doutorado naquele tempo suspenso e desafiador da pandemia. Levei também os atravessamentos causados pelas leituras, as alegrias e angústias do caminho, o luto pela não presencialidade das atividades acadêmicas, os desalojamentos vividos diante das encruzilhadas que a pesquisa com as narrativas de formação — os relatos das experiências de estágio — têm me possibilitado. Tenho aprendido com Nilda Alves que:

buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário (2008, p. 18-19).



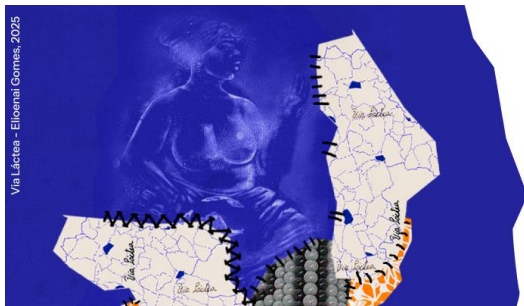
2



Um conjunto de dispositivos metodológicos próprios do campo da atividade corporal que visam à construção da expressividade como performatividade foram acionados, reconstruídos, inventados na sala de ensaio/aula, como os jogos psicofísicos, a improvisação, a construção de partituras corporais e células dramatúrgicas. Para a professora e pesquisadora teatral Eleonora Fabião, a “performance desafia definições, pois ativa dinâmicas paradoxais que complicam estatutos tradicionais tanto do fazer quanto da fruição artística: trata-se da fundação de uma *cena-não-cena* [...] É *trans-real*, pois que move e move-se por múltiplas camadas de sentido sem deixar-se fixar” (2009, p. 64, grifos da autora). A poética da performance assume na materialidade do corpo e dos objetos uma espetacularidade sob a desconstrução da tríade essencial da linguagem teatral — texto, intérprete e público —, alterando as relações de espaço-tempo convencionais.

O retorno ao chão da escola é carregado de significados porque, diante da necessidade premente de mover o corpo com/na/para a pesquisa, retornei para o espaço físico da prática pedagógica que tem, na potência da criação/invenção de mundos, sua matéria maior, seu alimento de subsistência, razão do seu existir. Retornei para poder seguir adiante, seguir em frente, arejar os poros, “realizar ‘conversas’ entre nós e com outras pesquisadoras/es, fazer aparecer modos outros

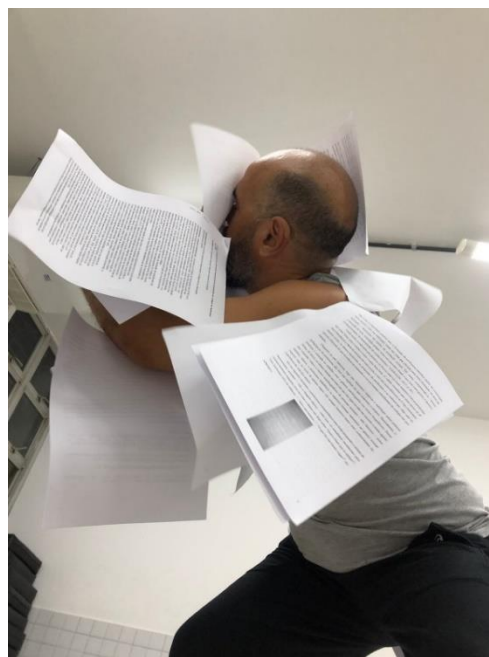
<sup>2</sup> Fotos do acervo do autor



de ‘fazerpensar’ que atendam ao que ainda não foi ‘feitopensado’ e que precisa ser ‘feitopensado’, entendendo que só assim nos é possível ir adiante” (ANDRADE, 2019, p. 26-27).



3

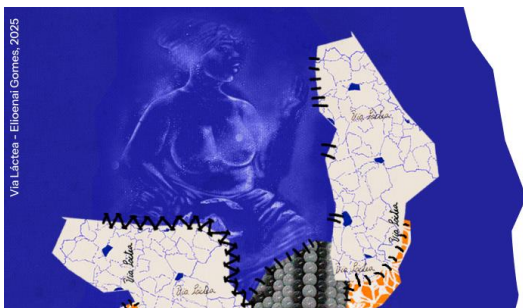


Na experiência, movi as narrativas de formação e as leituras já realizadas no e pelo espaço da criação/invenção, fazendo do meu corpo morada provisória da palavra-ação, performando textos, corporificando currículos, me apropriando das palavras alheias tornando-as minhas, fazendo emendas, costuras dramatúrgicas tecidas com fios de meada das redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.

*Sintopenso*<sup>4</sup> com Ferraço que toda experiência vivida até aqui “é fortemente centrada na vida cotidiana e na valorização das ações de *resistência* e *sobrevivência* [...] uma metodologia de pesquisa das práticas concretas e das artimanhas produzidas e compartilhadas. *Uma metodologia do que é feito e como é feito*” (2008, p. 112, grifos

<sup>3</sup> Fotos do acervo do autor

<sup>4</sup> Juntar palavras é um recurso político e estético utilizado por estudiosos e estudiosas do campo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos (OLIVEIRA; ALVES, 2008), a qual nos filiamos, com intuito de produzir um sentido outro a partir da junção de duas ou mais palavras, borando os limites e estabelecendo outros possíveis com as novas formações.



do autor). Percursos impossíveis de serem antecipados e que só se desvelam a cada passo, indicando descaminhos e encruzilhadas férteis e potentes que impedem um recuo. Com a experiência passo a entender que o corpo que se move, que performa com as narrativas de formação, corpo inquieto e buliçoso, é o próprio *corpus* da tese, um corpo afetado, poroso e ampliado em sentidos. Reconheço, então, que ao *corpoescrever* a pesquisa há um corpo coletivo que se manifesta, que conversa com outros modos, que conversa com outros corpos, que tece e é tecido em redes de subjetivação, que emaranha *saberesfazer*s multidimensionados que ganham

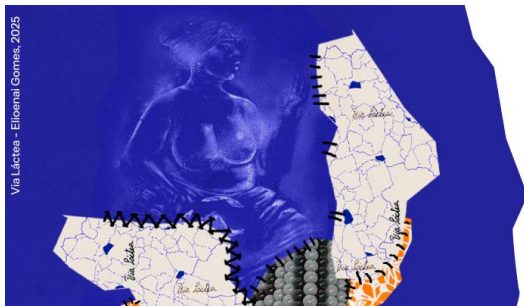
Uma centralidade pulverizada em artimanhas e táticas. Disseminada em movimentos caóticos. Semeada em ações e relações factuais. Uma essência produzida pelos tempos subjetivos. Que pulsa com fios invisíveis nas redes efêmeras. Que corrói de modo sorrateiro. Que subverte localmente e produz novas formas de apropriação de tempo e do espaço (FERRAÇO, 2008, p. 111).

Na performance *Cartas...* escrevi palavras de ordem que mobilizam a pesquisa, palavras que possuem volume, brechas, reentrâncias, perspectivas, intensidades e densidades. Palavras que incitaram movimentos acelerados, ralentados, suspensões... pausas — FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS), ESTÁGIO, LIC. EM TEATRO, EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS, CARTAS, ESCOLA, PERFORMANCE, COTIDIANOS, RIZOMA, CURRÍCULO, PRATICANTESPENSANTES. Palavras grafadas nas mãos, dedos, braços e peito, mas expandidas em gestos e movimentos.

O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento [...] O gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo. O gesto, como uma *poiesis* do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos (MARTINS, 2021, p.86).

Retornei para a sala de ensaio/aula no ímpeto de mover o corpo, deslocar ideias... produzir novos sentidos... experimentar o vazio da não resposta a novas questões, pois, como afirmam Icle e Bonatto, “a performance convida ao risco, na medida em que não oferece formato único, planos fixos, propostas pré-planejadas” (2017, p. 26).

As inquietações que me levaram à construção da performance, os impulsos para *corpoescrever* a pesquisa, teve como elemento propulsor duas folhas de cartolina, afixadas na porta do guarda-roupa, onde passei a escrever, desenhar,

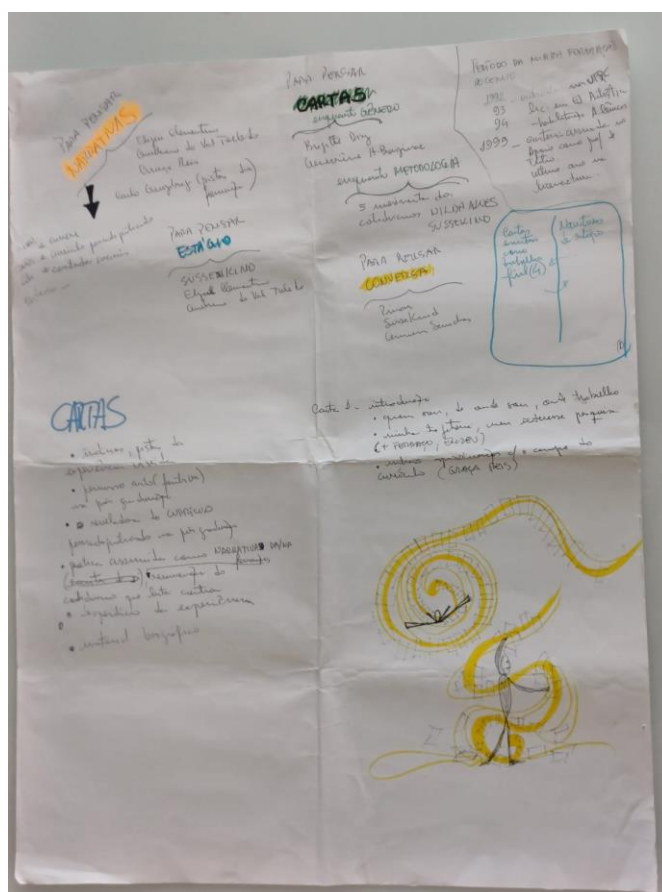


estabelecer relações entre os escritos, os conceitos e seus(suas) autores(as), fazendo uso de canetas de cores diversas, na tentativa de *sentirpensar* ampliando tudo que estudava, lia, escrevia e que não cabia, apenas, em uma página do Word. O corpo solicitava espaço, movimentos, como superfície da manifestação poética e estética de tudo estudado e pesquisado, transbordamentos do *fazerpensar*...

*Performance* não é outra coisa senão a junção idiossincrática entre ser e fazer. Aquilo que a tradição educacional se esmerou em separar reencontra na *Performance* uma possibilidade infinita de variação, de criação. O corpo aparece não mais como algo a ser docilizado, mas como algo a ser potencializado, colocado no centro da atividade. *Performance* e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo. Não há *Performance* sem o olhar do outro, portanto falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir (ICLE, 2013, p. 21, grifo do autor).

Por diversas vezes, larguei o computador, me dirigi até as cartolinas e continuava a trabalhar por lá, mãos soltas que trafegavam entre os rabiscos, desenhos, palavras-chaves, setas e mais setas que conduziram pensamentos, ideias, fabulações, fricções... “para deixar o gesto virar fala e a fala tornar-se texto” (GUEDES *et al.*, 2022, p. 07). Esse repetido movimento já mobilizava uma corporeidade, um conjunto de sentidos em camadas diversas, e estabeleceu, pouco a pouco, uma inaugural forma de estudar-pesquisar-trabalhar.



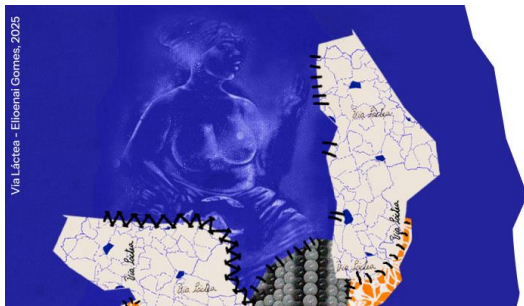


6

A forma como as anotações aparecem, criando intercessões com desenhos, letra de música, esquemas de conceitos, leituras e autores(as), já apontava para um gesto rizomático da pesquisa, gesto esse produzido com/nos/pelos estudos realizados. Modo de operar que “bebe em todas as fontes”, porque considera “a voz que conta uma história; os escritos comuns dos *praticantes* (Certeau, 1994) dos cotidianos”; com um “sentimento do mundo” que acabou por acionar “todos os sentidos no que desejamos estudar” e “narra a vida e literaturiza a ciência” (OLIVEIRA; ALVES, 2008) porque imerso em uma concepção de pesquisa com os cotidianos que diz respeito

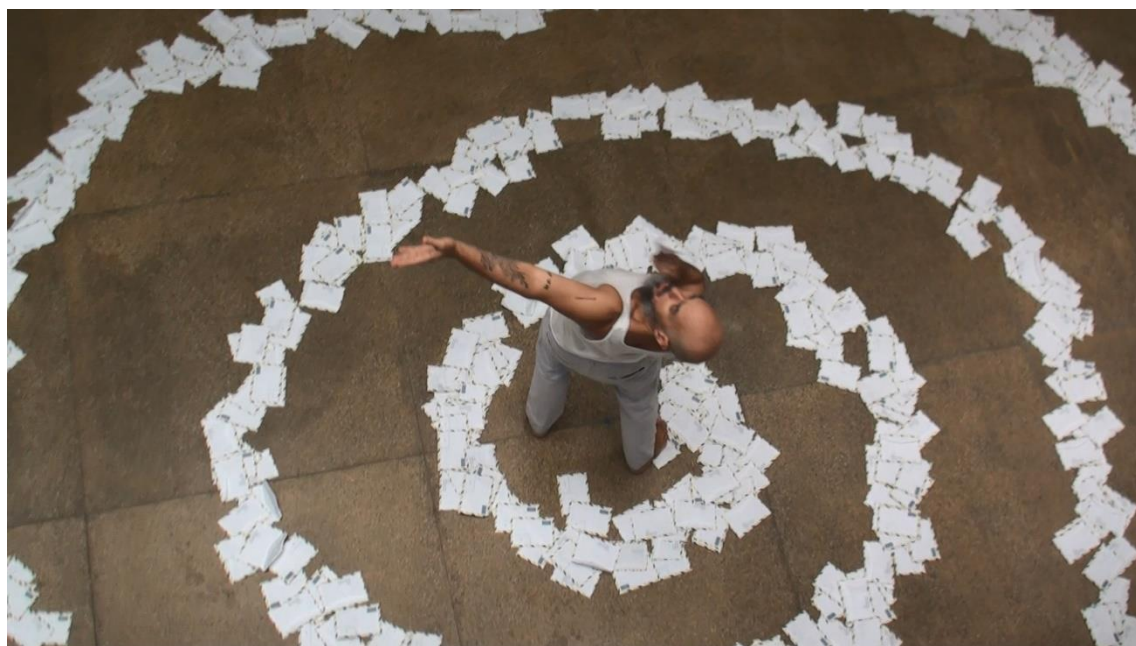
à vida de todo dia e aos seus criadores que são, ao mesmo tempo, suas criações, simultaneamente, singulares e coletivas: os sujeitos — que somos

<sup>6</sup> Fotos do acervo do autor



e que vamos nos tornando —, as nossas práticas e os sentidos que a elas vamos atribuindo, tecendo e articulando redes de conhecimentos, de significações e de relações que vão constituindo nossas subjetividades e orientando nossas ações (FERRAÇO, 2018, p. 90).

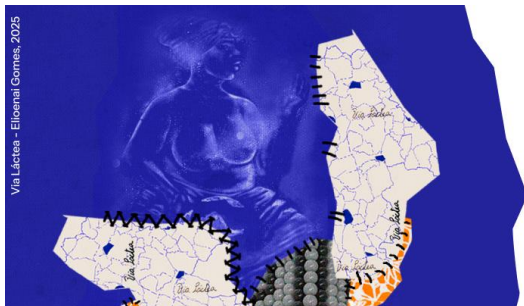
A performance *Cartas...* teve como materialidade na composição da cena um montante do clássico envelope aéreo verde/amarelo utilizado em postagens brasileiras, disposto em forma de espiral no chão da sala. Novos engendramentos performativos foram compondo toda a movimentação, que ocorreu no espiralar dos envelopes, no caminhar de fora pra dentro, das margens para o centro, do centro em explosão. Os envelopes CARTA parecem indicar caminhos, mas é preciso ir mais um pouco... sentir, cheirar, lambe... devorar... comer... nutrir e seguir.



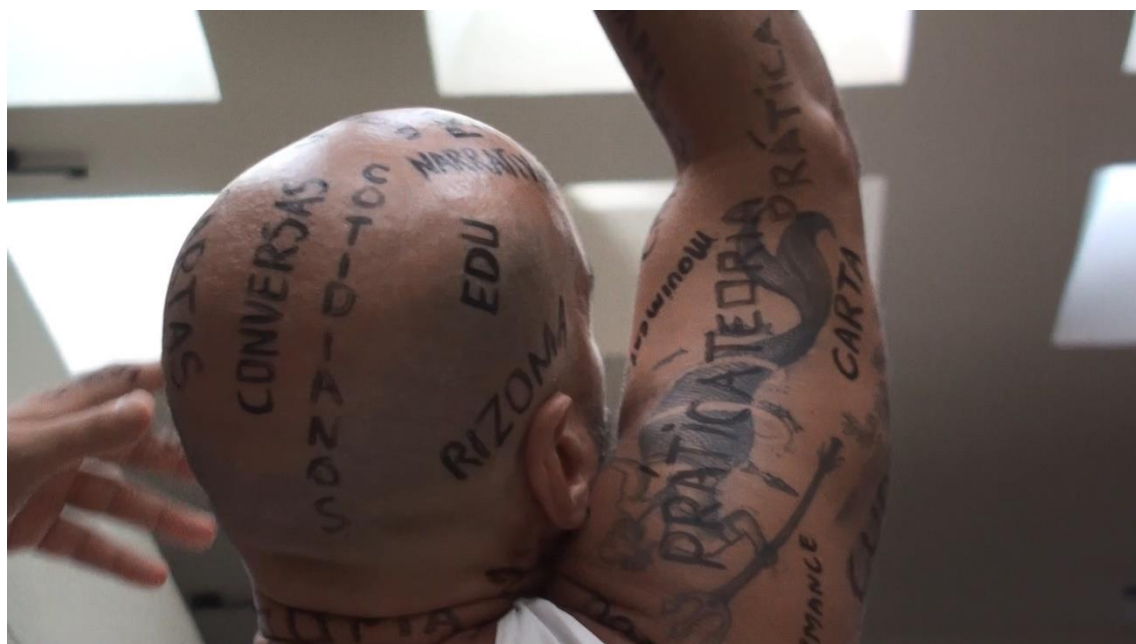
7

*Cartas...*, como texto fílmico, absorve outras tantas camadas de sentido, abrindo brechas, em movimento assumido de expansão e se deixou observar por outros ângulos, deslizou em chão movediço, produzindo sentidos com as redes que formamos. As palavras de ordem tomaram o corpo, subiram pelos braços e

<sup>7</sup> Fotos do acervo do autor



alcançaram o coração e o topo da cabeça... pesquisa escrita e inscrita no corpo.



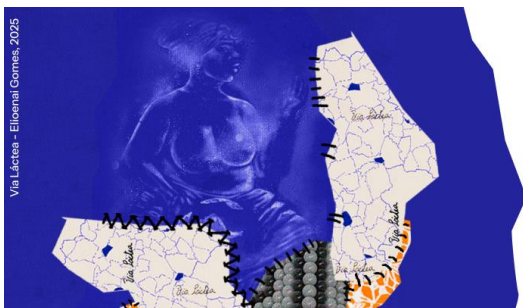
8

Com a construção de *Cartas*... me provoquei a *sentirpensar* as narrativas das experiências de estágio e *corpoescrever* seus transbordamentos e afetações porque sinto que:

é preciso uma outra escrita para além da já aprendida. Há, assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toque, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*” (ALVES, 2008, p. 30-31, grifos da autora).

Perfomar foi um dos caminhos encontrados para compor a pesquisa e que, a

<sup>8</sup> Fotos do acervo do autor



partir de então, ganhou a poética do audiovisual<sup>9</sup>.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA; I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ANDRADE, Mariana Rosa (Org.). **(De)Colonialidade na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es) de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014, v.1.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Sala Preta, v. 8, p. 235-246, 28 nov. 2008. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373/60355>

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. (Orgs.). **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

GUEDES, Adrienne Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; BEMVENUTO, Virna da Silva; BEMVENUTO, Vitória da Silva. **Quando escrever é mover: Por uma (des)educação performativa na escrita acadêmica**. Urdimento – Revista de estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n.44, set 2022.

ICLE, Gilberto. **Da Performance na Educação: perspectivas para a pesquisa e a prática**. In: PEREIRA, M. A. (Org.). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: UFSM, 2013. P.9-22.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA; Inês Barbosa. de; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos** – sobre redes de saberes. 3ª ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=2Q5EbC1-SMQ>